O CORITYBA:Semanario Litterario e Social
Capital do Paraná, a.1, n.1, 23 de janeiro de 1883

Bl do MP-DOCUMENTAÇAO PARANAENSE

Cópia xerox do nº existente na Hemeroteca do Prof.
Osvaldo Piloto

Bx XR1

MUSEU PARANAENSE
Biblioteca

ASSIGNATURA
CAPITAL
ensal..... $500
mero avulso 200

O Corityba

ASSIGNATURA
EXTERIOR
Mensal..... 1$000
Numero avulso 200

SEMANARIO LITTERARIO E SOCIAL

REDACTORES DIVERSOS
Proprietarios: Senna, Silva e Cª.

ANNO 1 | Capital do Paraná, 23 de Janeiro 1883 | N. 1

O CORITYBA

Corityba, 23 de Janeiro de 1883.

Sem um titulo, uma recommendação si-er eis-nos em publico solicitando um lu-no vasto campo do jornalismo, onde se vam as lutas de maior realce e que ma-renome dispensam aos que nella se em-nham: as intellectuaes.

A vontade é o unico motor que nos im-lle a uma tarefa cujo labor, é superar as ssas, porsi exiguas forças, pois temos vis-com grande pasmo, jornaes alias illus-dos e dignos de apoio, perecerem; é tris-mas necessario dizer, porque *alguns* o gostam do lyrismo. contos, folhetins e tras producções que constituem a litte-ura ! Por isso, não é sem receio que a-lancemo-nos a publicarmos nosso *Cu-yba*, pois as suas columnas jamais daram paço aos despresiveis *apedidos*, nem n'el-transpareceram os banaes e vis endeo-mentos d'aquelles que tendo o dinheiro gam-se reis da sociedade, embora calquem pés aos que, que com modestos rendi-ntos deixaram bem patente nos traba-os a que se empregam para obtel-os com radez, deixem bem patente sua robusta lligencia !

Trataremos a par das questões sociaes, ovinciaes e municipaes, d'essa locomoti-progressiva que tão longe fez echoar os mes de Hugo, Lamartine, Castro Alves Alencar —a litteratura.

Eis-nos definido: pouco promettemos por uco podermos fazer.

Se não agradarmos os leitores, resignar-nos-hemos lamentando não ter o Eterno si-do prodigo para nos na partolha d'esse fa-cho que avivando o cerebro de Milton, il-luminou aquelles que o admiraram —o ta-lento. Resta sermos coadjuvados, isso pe-dimos, esperando acontecer. O parco pre-ço da contribuição mensal, o nosso pro-gramma e o formato que tomamos para a-limentarmos mais esperanças, que os nos-sos antecessores. constituem a lei em que bazeamos nossa justa solicitação.

E' missão dos grandes favorecer os pe-quenos, e é tão verdadeira essa sentença, que ao abrigar-nos sob ella á pedirmos o favor publico, tambem desfraldamos nosso estandarte cuja divisa justifica plenamente nosso aparecimento: *Vita sien litteras mortus est.*

Litteratura

Omnibus Rebus

Curityba

Eil-a a formosar estendida em um velu-doso leito de relva, brandamente osculado pela brisa suave das selvas: eil-a gentil, dor-mitando tranquilla, sonhando, sorrindo... N'esse estado voluptoso nol-a mostrou, chei-a de confiança, de esperança, nos seus cha-ros filhos, o magico luar no ultimo annive-rsario de sua emancipação. Seus seios de nacar, prateados pelos crystalinos raios da lua, arquejavam de vez em quando: dou-rava um pesar, um cuidado — o olvido áo estudo de seus filhos, o futuro *invejavel*

que se lhes depara a continuarem n'esse ruinoso *modus vivendi*.

Depois uma lagrima isolada, correu-lhe brandamente pelas faces e sepultou-se nos reconditos de seu mimoso peito — era a saudade de um filho laureado, cuja figura esbelta passara-lhe pela mente. Mais tarde sorriu, e sacudindo as tranças de azeviche, ergueu orgulhosa sua formosa cabeça—mãi extremada muito confia na nova geração que acalenta, antevio os louros que ornará a fronte de séus distinctos filhos. Por ultimo, a noite ia adiantada, enrugou se sua fronte e uma admoestação fina, delicada, interessante, soltou de seus puros e roseos labios —convidava a mocidade a quem serve de berço, para estudar. Então, cançada, recostou-se no seu leito onde vimol-a bafejada pelo zephiro e namorada pelos vates.

A natureza contava-lhe os seus segredos.

« E as auras que passam
Em noites caladas
Em completo ocio »

Lançavão-lhe olhares ternos, cubicosos.

Todas almejavam-la, mas todas temião tocalas: —era a manifestação do respeito que se devota a mais modesta filha ou a da belleza, princeza do sul.

Urbano Carrão.

HARPEJOS

DORES CONFORTAVEIS

Eu sinto dentro em mim as grandes sensações
d'uma paixão fatal, immensamente enorme,
profunda como o mar, que a superfice dorme,
e que ruge no seio em grandes convulsões.

Eu conheço e bem sei que os pifios histriões
replectos da descrença, a insensatez disforme
as alas abrirão, e, no ridiculo forme
um circo para mim de parvas maldições.

Porem, isso que importa, a quem conhece a dor,
a viva e grandre dor, d'um ignota amor,
que alegria nos traz, na desventura extrema.

Um conjuncto ideal de sorriso e de pranto,
lagrimas que são mais do que inspirado canto,
e dores que são mais que um divinal poema.

Ernesto Senna.

FOLHETIM

Circo-lides.

Estamos com uma companhia de *cavallinhos* na terra, que veio afastar-nos da apathia em que viviamos ha cerca de dous mezes. São seus directores os Snrs. Bozam & Valentim. A sua *troup* é grande e os seus trabalhos nada deixam a desejar.

Os *partidarios* já vão sentindo *cocegas*; já levão os seus *bouquetsinhos* para as *sympathicas*... Parece que o Pery infectou o cerebro da *rapasiada* com os taes partidos, que ella não pode deixar de *applaudir* com um enthusiasmo inexplicavel *tuti quanti* enverga as *assetinadas* e *lantijoladas* roupas da Bohemia.

Hoje é o enthusiasmo no seu auje, é a chuva de flores, é o exagero ao merito do artista, e até mesmo o sacrificio; amanhão é a abjuração do mandato *partidario*, é a maldição e a queixa incessante, a reflexão calma do passado, é o arrependimento tardio do papel representado perante áquelles que, n'um vôo, fogem para as regiões do funambulismo, rindo-se desapiedadamente das pobres que tanto os *applaudiram*.

Porem nada disto corre-lhes pela mente: phreneticos e altaneiros, conduzem os samburás para o circo, e... *viva a rapasiada* !...

Ha dias, confesso, fiquei estupefacto diante d'um turbilhão de flores, que deveras me fez pasmar, supportei aquelle choque inesperado, julgando ser alguma *methamorphose* lá *pelas regiões do funambulismo* !!!

O negocio foi enjambrado de tal forma que já houve dores de cotovello. Na quarta-feira, sim; foi um Deos nos accuda de flores: foi um *deslumbramento geral*; porem, desenganado pela outra *festa*, não quiz esperar *methamorphoses*, nem ser *assombrado*, porque realmente eu tenho o meu *receiosinho* de *assombros*. Não querendo porem que me chamem de *frio* nem de impassivel, empunho a minha lyra e desfiro algumas harmonias *acrobaticas*: Lá vai verso:

Alerta ! formem partido !
Dêm começo á *arriscada*,
Principiem a *patuscada*,
Alerta ! formem partido,
Que o Valentim cae rendido
Aos pés da rapaziada !...
Alerta ! formem partido,
Dêm começo á *arriscada !*

E para que não fique no olvido *o preciso* para mais abrilhantar a festa, interpreto um *simples* anhelo de alguem. Arreda que lá vai verso:

Quero discursos immensos
Feitos por esses *patetas*;
Que se intitulam poetas;
Quero discursos immensos.

BOLETIM

Aviso—A's pessoas que não se dignarem assignar nossa folha, rogamos o obsequio devolverem-n'a pelo correio á redacção.

Para evitar as repetidas queixas contra os distribuidores, as vezes culpados, resolvemos distribuir pelo correio o *Corityba*.

Ficam assim os assignantes habilitados a procurarem no correio a folha quando ella lhe não for entregue.

Com o titulo—Externato S. José—abrio o nosso amigo professor normalista Cupertino Costa um curso primario e secundario á Rua do Aquidaban.

Recommendamol o aos paes de familias e interessados.

Circo—Acha-se entre nós a Companhia equestre gymnastica dirigida pelos Srs. Bozam e Valentim, a qual tem dado suas funcções sempre muito concorridas. A *troup* desta companhia é excellente; os seus trabalhos são admiraveis; o Sr. Luiz Salinas, é maravilhoso nos seus trabalhos intitulados Jogos Malabares; a Sra. Maria Andujar é um verdadeiro portento, na pyramide de garrafas é assombrosa; o deslocador é um verdadeiro homem de borracha; Cruzet, Arthur, Freitas, Geminiano e Casanova são artistas de merito; Feliciana é uma sympathica artista; Mme Andujar nos seus exercicios de equilibrio tem se tornado digna de encomios; finalmente è uma excellente companhia a dos Srs. Bozam & Valentim, e para que o publico se certifique da verdade, concorra ás suas funcções, porque já prevemos que fará como nós o mesmo juizo, após prodigalisando o seu apoio, visto que é digna de tal a Companhia Urugaya.

Corinna—O nosso collega o Sr. José de Senna está escrevendo um Drama intitulado-Corinna-o qual sahirá á luz brevemente.

Vagalume — Brevemente teremos na capital mais um collega com o titulo acima, o qual publicar-se-ha sob a direcção do habil typographo Joaquim A. da Silva.

Espectaculo dramatico.— Realisou-se como estava annunciado o espectaculo Dramatico dado por alguns amadores, e segundo nos consta coube a gloria da noite ao Srs. João Ferreira Leite e Manoel de Azevedo Junior.

Não sejam embora propensos
A' essas cousas *secretas*,
Quero discursos immensos
Feitos por esses *patetas*.

E esta?... E' muito boa!... Pouco pede á quem lhe deseja servir. Então lá vai verso:

Quero relogio, *teteia*;
Corrente fina, medalha
De merito (que Deus nos valha!)
Quero relogio, *teteia*.
Quero depois uma seia,
O phrenezi da canalha;
Quero relogio, *teteia*,
Corrente fina, medalha.

Sim, senhor: nós cá'stamos para o que der e vier. Não ha nota, aceitem mais este:

Quero corôas, fitões,
Bigas romanas, não digo...
(Feliz de mim si as consigo!)
Quero corôas. fitões.
De certo tenho ovações,
E eu as *guardo* commigo;
Quero corôas, fitões,
Bigas romanas, não digo...

Deixem lá que parece não querer pouco... então que peça a bel-prazer. Lá vai mais um:

Chuva de ouro inda falta,
Musica, fogos diversos,
Papeis de cores com versos;
Chuva de ouro inda falta.
Mas, feita por um *peralta*,
E outros qu' estão dispersos;
Chuva de ouro inda falta,
Musica, fogos diversos.

Ainda quererá mais alguma *coisinha?* E' o que eu não duvido... E quem pagará o *pato?*... Vou ver se prophetiso... Pois bem: abram alas que vai o resto:

Quero uma festa mui rica,
Com ovação *Democratica*,
Com *variação acrobatica*,
Quero uma festa mui rica.
Embora venha a *estica*
Entristecer a sympathica;
Quero uma festa mui rica,
Com ovação *Democratica*.

Está bem... está bem... será feita a sua vontade. E despede-se—até domingo— o seu fraco interprete

A. V. Lino.

COLLABORAÇÃO

Agricultura

O conhecimento do que se passa nos paizes adiantados, é uma lição proveitosa para aquelles que a querem acompanhar na carreira do progresso.

A agricultura, verdadeira fonte da riqueza nacional, hoje elevada a chategoria de sciencia, é considerada como um dos primeiros ramos dos conhecimentos humanos, e por isso deve athrahir a attenção de todos os governos, devendo este portanto procurarem os meios a fim de tornal-a mais florescente.

O desenvolvimento, que as nações cultas estão dando ao ensino agricola, por meio de escolas theoricas e praticas, premios exposições, etc, todos nós mais ou menos conhccemos.

Parece-nos pois opportuno o momento de aventar-nos algumas palavras sobre este objecto de subida consideração e digno de attenção da imprensa.

E' inquestionavel que o Brasil pelo que respeita a este ramo de riqueza publica, acha-se ainda atrasado e especialmente o Paraná, apezar de ter direito a figurar pela uberdade de seu terreno, amenidade de seu clima e belleza de sua configuração.

Pauliuo Guimarães.

A Sempreviva.

(A' F.....)

Os teus languidos olhos me volveste,
E eu louco, indiscreto, quiz beijar-te;
Tu sorriste tão vaidosa, e me prendeste...
E uma phrase amorosa pude dar-te.

Julguei-me mui feliz, e em devaneio
Cedi anhelando o teu amor;
Quando timida, medrosa no teu seio
Quizeste esconder a meiga flor.

Occultaste-a temendo que o perfume
Da modesta florinha inebriava?...
Te enganaste... crestou-se de ciume,
E o calor de teu seio a definhava.

Affectavas paixão, amor ingente,
E eu, crente, n'um arrôubo te osculei;
O languor te cubria levemente,
E triste como a flor eu te deixei.

A. F.

Tens no olhar certa magia,
Que subjuga e que prende,
A cujo encanto se rende,
O coração mais altivo;
E depois fica sem vida,
Sem forças, sem esperança,
Como o meu, linda creança,
Que ha tanto fez-se captivo.

II

Se amar é crime, confesso
Que ha muito sou criminoso,
Mas é nobre o ser bondoso,
Que ao amor só paga amor,
Por tanto tem piedade,
Abre-me, oh! Anjo, teus braços,
Faz-me feliz minha flôr.

Corityba. 19 de Janeiro de 1883.

R. P B.

ANNUNCIO

José de Senna

Scenographo e retratista a crayon encumbe-se de todo e qualquer trabalho, como sejam: ornatos paisagens e tambem doura, no setim e no vidro etc.

Officina Rua Direita

Typ. A' Penduula Meridional. —Corityba